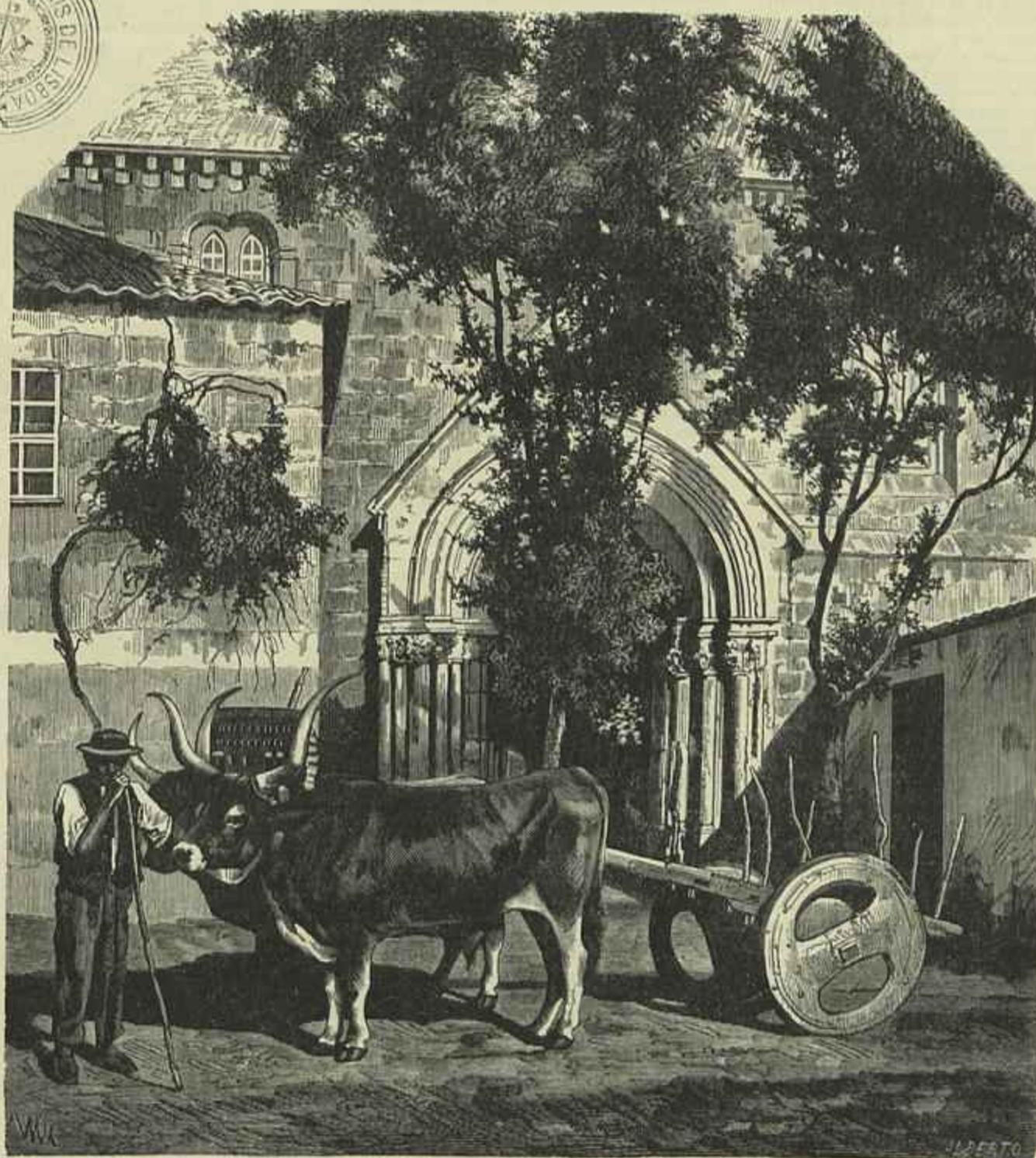


OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 6 n.ºs	N.º 4 entrega	35.º Anno — XXXV Volume — N.º 1214	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	630	120	20 de Setembro de 1912	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	630	120		
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	630	120		



O MOSTEIRO DE LEÇA DO BAILIO SOB EMINENTE RUINA — PORTA LATERAL DA IGREJA

CRONICA OCCIDENTAL

Encontram-se neste momento alguns milhões de homens em armas por esse mundo fóra, não tanto pelas guerras que se estão ferindo na Turquia ou em Marrocos, mas pelas manobras dos varios exercitos que, na estação do Outono se realisam e ás quaes acodem todas as tropas licenciadas e de reservas a receberem a instrução pratica no campo.

A França, a Inglaterra, a Alemanha, todas as primeiras potencias militares exercitam nesta hora os seus exercitos.

As nações pequenas seguem-lhes o exemplo e na proporção das suas posses, a Holanda, a Belgica, a Noruega e Suecia, a Dinamarca e a Suíça põem em movimento as suas forças militares, não deixando esta ultima potencia de chamar as atenções do imperador Guilherme que, em pessoa, vaee assistir a estas manobras, seguindo com interesse a organização do exercito suíço, que pôde servir de exemplo ás potencias suas congengeres.

Assim é de ver que na Suíça todo o cidadão válido é militar, sem que esse serviço lhe perturbe sensivelmente as suas occupações civis, o seu ganha pão.

Desde os 20 aos 48 anos é obrigado a servir militarmente a patria, chegando até aos 52 anos para os officiaes superiores.

Com estes cidadãos, até aos 32 anos de idade se fórma a primeira linha. Desta idade até aos 40 anos, fórma-se a primeira reserva e com 8 anos mais constitue-se a segunda.

Entretanto a sua permanencia na fileira é curta; dura apenas o tempo de instrução de recruta, para os soldados de infantaria dois mezes, para os de cavalaria, tres e para os de artilharia dois mezes e meio.

Com esta organização militar a Suíça, que conta uns cinco milhões de habitantes, pôde reunir em pé de guerra 142.000 homens de tropas de primeira fileira, 69.500 de segunda e 68.500 de reserva, ou seja o total de 280.000 soldados.

A instrução militar na Suíça é prestada á creança desde a escola infantil e prosegue nas outras escolas com os exercicios ginasticos, jogo de armas até ás carreiras de tiro. Para officiaes e sargentos ha cursos tecnicos especiaes e até nas Universidades, onde se estudam as sciencias, ha cursos de arte militar que se frequentam simultaneamente, de maneira que os advogados, os engenheiros, os medicos, etc., habilitam-se assim para os postos superiores do exercito, que um dia pôdem ser chamados a desempenhar.

Eis como uma nação pequena pôde contar com um exercito devidamente instruido e relativamente numeroso, sem dispendio superior aos seus recursos financeiros.

No meio deste movimento militar, a que as nações mais pequenas se não esquivam, quando mais não seja para manterem a sua neutralidade, quando a guerra dos visinhos as possa envolver, Portugal, por esta razão e por muitas mais, que de um momento para o outro pôdem surgir, neste jogo de ambições das grandes potencias, não pôde ficar indifferente, sem cuidar a serio dos seus meios de defeza.

Não pôde, nem fica indifferente.

Um dos primeiros cuidados do governo provisorio, foi decretar o serviço militar obrigado para todos os cidadãos válidos, sem isenções de especie alguma, ao mesmo tempo que organisava uma reforma no exercito, mais ou menos semelhante á do exercito suíço.

E' o principio, o primeiro ensaio da *escola de repetição*, como se denominam os exercicios que se estão realisando por esse país fóra, interessando todos os regimentos e unidades militares, levando ao campo 36.000 soldados que fraternizam com os bisonhos camponezes e com as sorridentes camponezas tambem, desterrando para bem longe esse lendario horror que a nossa gente do campo tem á farda ou vida militar.

A nova organização do exercito tornou o serviço militar pessoal e obrigatorio e assim poz em comunidade os cidadãos de todas as classes, que principiam por se reunirem no primeiro periodo de instrução durante o minimo de 15 semanas para a arma de infantaria e o maximo de 30 semanas para a arma de cavalaria, continuando a reunirem-se e a conviverem durante os periodos anuaes das escolas de repetição.

Esta comunidade de classes traz a comunidade de interesses que todos tem em defender a sua patria, onde tem as suas propriedades, as suas industrias, os seus meios de vida, porque já não é só uma parte a defender o que pertence a ou-

tros, mas todos a defenderem o que lhes pertence.

E' este um principio de moralidade e de justiça que entra na compreensão de todos.

Posto que o soldado está sujeito durante dez anos ao exercito activo, a sua permanencia na fileira é apenas de 15 dias em cada ano, quando é chamado ás escolas de repetição.

Estas escolas consistem em ministrar instrução pratica a soldados e officiaes, fazendo manobrar nos campos, regimentos de infantaria, esquadões de cavalaria e grupos de baterias de artilharia.

Assim que nos quartéis se apresentaram os soldados licenciados, foi-lhes fornecido o competente armamento e equipamento, seguindo para os campos em exercicios de marcha, de estacionamento e de combate, sob planos de operações, denominados *pequena guerra*, para esse fim elaborados.

Terminados os 15 dias para cada unidade, os soldados regressaram a quartéis e em seguida ás suas occupações civis.

Durante esses 15 dias, a infantaria percorre uma média de 200 kilometros, realisando quatro a oito exercicios de combate, e em cada noite as tropas estacionam de diferentes modos, como seja, em bivaque a descoberto, bivaque com abrigos improvisados, oboletadas, ou em postos avançados, como prevenido o inimigo.

Estes exercicios, que nesta primeira experiencia tem dado resultados satisfatorios, terão que se repetir em cada ano sempre num crescendo de forças, que não deverá ser inferior, nos anos seguintes, ás deste ano, de modo que dentro em dez anos, haverá, pelo menos, um exercito de 300.000 homens devidamente instruido e mobilisavel.

Por enquanto consta que só ha armamento para 120.000 homens, com o tempo, porém, se completará o necessario, desde que não hajam esmorecimentos e antes boa vontade.

Boa vontade têm mostrado as tropas, arrotando com o calor sufocante que as acompanhou nas manobras, mas que não conseguiu alterar-lhes a disciplina, parecendo até aumentar-lhes o entusiasmo em todos os exercicios que executaram. E' de notar que a maior parte dos soldados apenas tem a primeira instrução, entretanto a fórma por que se conduziram está acima de todo o elogio, na opinião dos entendidos.

Não é menos interessante saber-se que por todas as terras em que as tropas acamparam, fóram recebidas pelo povo festivamente, profitando todos em lhe prestar o melhor acolhimento, tão proprio da boa hospitalidade portugueza.

Nos ultimos dez dias decorridos é este o facto que mais se recomenda á cronica, ainda que o crime forneceu uma das suas paginas mais monstruosas e que os noticiarios diarios exploraram em todas as suas fases, com as discrições mais tetricas e as gravuras mais sugestivas.

E' um bom serviço prestado á educação do povo e, se Guttemberg previsse que o seu invento viria a servir para celebrar e propalar os crimes, estou em crêr que teria queimado os primeiros tipos e prelo que fez, como coisa ruim que repugnaria á sua alma boa.

CARTANO ALBERTO.

Mosteiro de Leça do Bailio sob eminente ruina

Ainda não ha muito que esta revista se referiu ao cruzeiro de Leça do Bailio, reproduzindo-o em uma de suas gravuras, a proposito das mutilações que esta primorosa peça de arte ultimamente sofreu por quaesquer vandalas que tentaram destruil-a, e hoje temos que voltar a occuparmo-nos do mosterio, a proposito da ruina e do abandono em que se encontra, a respeito do qual o sr. Grandela publicou nos jornaes uma carta revelando a impressão desoladora que teve quando visitou este monumento nacional, e pedindo a atenção dos poderes publicos para que o salvem da ruina eminente.

Este monumento historico é anterior á fundação da monarchia, pois sua origem se perde para além do seculo x, sendo então um modesto templo e mosteiro da ordem beneditina de monges e freiras, com a invocação do Salvador.

No seculo xi foi o templo reedificado pelo abade D. Guntino. Por estes tempos havia o mosteiro de Leça sido doado por seus padroeiros

ao mosteiro de Vacariça e sendo este depois doado com todas as suas rendas e pertencas á mitra de Coimbra, nesta doação foi incluído o mosteiro de Leça, que assim ficou muito reduzido em seus rendimentos, faltando o necessario para o sustento dos monges e freiras, que pouco a pouco o foram abandonando.

Com o tempo vieram novos legados de devotos, permitindo que o mosteiro voltasse a ser habitado, e assim se encontrava quando o conde D. Henrique de Borgonha entrou no governo de Portugal.

Passou então o mosteiro de Leça a pertencer á ordem de S. João de Jerusalem, vulgarmente conhecida por ordem dos cavaleiros de Malta, sendo residencia ou paço do bailio da ordem. Daqui lhe provém o titulo de Leça do Bailio.

A ordem de S. João de Jerusalem ou do Hospital teve grande importancia, sendo das mais nobres e das mais ricas de cabedades e de influencia politica, e por isso não admira que o primitivo e modesto mosteiro de Leça fosse humilde fabrica para tão opulenta séde.

Nestas circunstancias, resolveu D. Fr. Estevão Vasques Pimentel, bailio da ordem, construir um novo templo, obra grandiosa que se concluiu no ano de 1336. Junto ao templo e contiguo á frontaria, mandou levantar uma torre para defeza do convento, com todos os preceitos da arte da guerra, então. Nos fins do seculo xvi, Fr. Luiz Alvares de Taboia, procedeu a obras de reparação e acrescentamento no paço. Pelos anos fóra, em varias épocas, outras obras se fizeram para conservação do edificio.

Sobre a parte historica deste mosteiro alguma coisa se disse do mais importante no artigo que acompanhou a gravura do cruzeiro a que acima nos referimos (1), o que não iremos agora repetir.

E' este mosteiro um belo exemplar da arquitetura religiosa militar, de estilo romanico-gotico.

Deste precioso monumento já o OCCIDENTE ha mais de trinta anos se occupou, fazendo vêr o estado de abandono em que se encontrava, e ainda que estas moles de pedra resistam muito ao tempo, mais trinta anos decorridos, não pôdem ser indifferentes para a continuação da ruina que vaee sempre avançando.

Entretanto parece chegar agora o momento de alguma coisa se reparar, bem podendo dizer-se que «ha males que vem para bens», pois que o atentado praticado contra o cruzeiro, já referido, fez chamar a atenção da Comissão do Conselho de Arte e Arqueologia da 3.ª circunscrição do norte para este monumento, a qual, indo ali verificar as mutilações feitas, teve occasião de tambem visitar o mosteiro e vêr o abandono a que está votado.

Essa comissão, composta dos artistas srs. Marques de Oliveira, José de Brito, Marques da Silva e do erudito critico de arte sr. Joaquim de Araujo, reconheceu efetivamente a necessidade de se acudir áquele monumento, o que participou para o respetivo ministro do fomento, que tem mostrado a melhor vontade pela conservação dos monumentos nacionaes, o qual logo incumbiu o sr. Ventura Terra, presidente do Conselho de Arte Nacional da 1.ª circunscrição do sul, de indicar ao governo as necessidades mais urgentes de salvaguardar os monumentos do país com as restaurações que reclamem.

Para o efeito, o illustre arquiteto foi vêr o mosteiro de Leça e de acordo com o sr. Marques da Silva, propôr as providencias a tomar para a sua conservação.

E' espinhosa a tarefa pelos conhecimentos e cuidados que demanda para que a restauração a fazer não altere o caracter medeval deste monumento.

Encarregou-se deste importante trabalho o sr. Marques da Silva que, de acordo com o sr. Ventura Terra, fará um projeto de restauração, em que propõe ao governo para que entre na posse do Estado a casa ou paço anexo ao mosteiro e que actualmente se acha entregue a quaesquer lavradores que a transformaram em palheiro, abegoaria e outros trafegos agricolas.

Esta casa é tipica da arquitetura romanica, mas a inconsciencia daquela pobre gente rude tem mutilado e destruido muitas das suas partes arquitetonicas e ornamentaes, sem saberem o barbarismo que praticam.

Bom será que chegue a vez de se salvarem estas preciosas obras de arte dos tempos idos, que são documentos historicos que todos os povos cultos veneram e conservam com orgulho.

(1) Vid. pag. 173 e 174, n.º 1210 do presente volume.

Portugal

Absorvidos quasi completamente pelas luctas e paixões politicas e partidárias os homens de Portugal têm cuidado pouco do desenvolvimento material do seu país, desprezando as fontes de riqueza naturaes e aquelas que resultariam do acendrado esforço e tenacidade a empregar nas obras criadas pelo espirito moderno e pela necessidade crescente de expansão económica.

Ferteis de imaginação, fantasistas, temos contudo o espirito aberto às ideias mais dilatadas e utilitárias, reconhecemo-las como tal, aprovámo-las com calor e sobre elas escrevemos centenas de folhas de papel, palavras, muitas palavras.

E se algum dia conseguimos pô-las em prática é porque houve uma meia dúzia de homens que lograram vencer as dificuldades sem número que todos os outros lhes levantaram, às vezes obstáculos insuperaveis.

Parece que nos comprazemos em desejar uma coisa que não queremos ver realisada talvez por recarmos perder-lhe o encanto.

Esta innacção é um defeito de que nos devemos corrigir porque nos prejudica grandemente.

A nossa educação, quer na escola, quer na familia, não é de molde a desenvolver-nos essas qualidades primordiais indispensaveis para o bem-estar da nossa existência que tal são a vontade propria e o espirito inventivo, de adaptação ou de assimilação.

O português em geral produz aquilo que é obrigado a produzir, trabalha para poder subsistir. Dispensar-se hia de o fazer, se lhe fosse possível e tornar-se-hia ocioso como a indolencia da sua raça, enxertada no ramo arábico, lho permitia.

Na guerra é impetuoso e cumpre o seu dever galhardamente mas é preciso por tal forma acordar-lhe esse instincto, que é ainda uma garantia do seu sentimento de nacionalidade.

Fora dêsse campo torna-se comodista e esquece facilmente o seu dever.

Na burocracia, por exemplo, é notavel o numero dos que fazem dos seus lugares conezias.

Em todas as outras classes se nota este espirito de comodidade e de indiferença que está um pouco no temperamento dos povos latinos mas que sobe de ponto entre nós como é fácil de verificar analisando várias manifestações de ordem artistica e de ordem económica.

Agora que o vento da democracia passou por nós e que se procura fazer compenetrar do seu direito o mais humilde cidadão, desde o operário da fábrica ao trabalhador do monte, reservando-lhe um lugar de aparente soberania e de interferencia nos destinos da pátria, seria talvez oportuno que, aquêles que trabalham arduamente para fazer chegar a luz da verdade a tantos espiritos que se estiolavam nas trevas da ignorancia, dos que viviam como plácidos bois de charua sujeitos à canga pezada de uma oligarquia, lhes ensinasse, além dos seus direitos civis e politicos, a compreenderem a sua missão na terra, a cumprirem o seu dever de cidadãos prestaveis à causa da sua terra — a mais santa e de maior valia, o bem commum — defendendo os seus interesses sem se darem à demagogia estéril e agrupando se para esse fim à roda daquêles que se tivessem evidenciado como seus fervorosos apóstolos e que fôsem habéis nessa complicada sciencia, honrados, leais e desinteressados para com a sua pátria e habéis tambem na politica (no sentido restrito do termo), audazes e estoicos para poderem manter a cima de todas as vicissitudes o seu ideal de homens honestos e de patriotas.

Atingido esse desiderantum, tendo a patria em cada um dos seus filhos um cooperador estrénuo, que maravilhoso impulso tomaria este pequeno canto da Europa, de tão gloriosa historia, de tão honrosa tradição.

Porque a indiferença que pela causa commum mostram pessoas de mediana instrução baseia-se quasi sempre na divergencia de opiniões politicas, na descrença ou na esperança perdida de alcançar um ideal inatingivel que essas pessoas não chegaram a conceber senão envolto na nebulosidade do mysterio.

Aquêles a quem compete educar e instruir deviam, em vez de prégar abstracções, ensinar ao povo a biblia do trabalho... e as maximas de Jesus.

Forçoso é que acompanhemos a marcha da civilização e para isso teremos de pôr de parte todos os idealismos e todas as fantasias que povoam as nossas imaginações de meridionaes.

Aproveitemos as riquezas naturaes do nosso

solo ubérrimo, desenvolvamos as nossas industrias e trabalhemos para a prosperidade colectiva por todos os meios ao nosso alcance.

Entre as mais modernas industrias conta-se, ocupando lugar importante, aquella que se convencionou chamar dos estrangeiros.

Todos os países da Europa andam à porfia, em competencia, organizando serviços, legislando e regularizando as condições em que ela se deve exercer.

Dentro de cada nação organizam-se comités de hoteleiros a que se associam empresas de caminhos de ferro e de navegação, comerciantes, industriais e todos aquêles que querem bem servir o seu país, servindo-se a si proprios.

Na França, recentemente se organizou uma comissão de capitalistas e de proprietários com o fim de promover a construção de bons hoteis e o desenvolvimento da industria hoteleira. E isto dá-se na França onde o viajante para onde quer que se dirija encontra sempre todas as comodidades e conforto que são para desejar.

A Suíça é prospera desde que se entregou a esta industria que, com relação a este país, podemos chamar industria mãe, porque foi ela que deu azo a que todas as outras se desenvolversem.

O seu organismo é admiravel.

De uma conferencia do sr. Carlos Calixto colho uma nota devéras interessante.

E' o evangelho do industrial do turismo:

- 1.º Semear muito para colher ainda mais.
- 2.º Todos os órgãos da maquina são solidários e não rivaes.
- 3.º Tudo ao alcance de todas as bolsas e, tanto quanto possível, em harmonia com os desejos do turista.
- 4.º Procurar sempre a comodidade do viajante e mostrar uma grande condescendencia com os seus desejos.
- 5.º Pôr tudo ao alcance do turista e não o incomodar com solicitações e oferecimentos importunos.
- 6.º Satisfazer todas as necessidades e todos os appetites ainda os mais extravagantes, evitar tudo quanto possa descontentar o viajante e no caso de conflito condescender com a maioria.

Por aqui se vê como o povo suíço está educado para exercer tal profissão.

Alguma coisa se tem falado sobre este assunto em Portugal e são todos unânimes em concordar que primeiro que tudo será necessário educar para esse fim o povo português.

E' com esse intuito que se têm realisado conferencias e escrito artigos cujo fim unico é fazer interessar as classes que mais de perto se relacionam com o turismo e incutir no espirito público a sua conveniencia mostrando o quantitativo de vantagens que daí adviriam.

A hospitalidade exerce-a o português francamente e a haneza do seu trato chega às vezes a ser servilismo para com os que vêm de fóra.

Mas isso não basta. E' preciso que se aprenda a tirar o maximo de interesse hospitalidade e a encarar-la, pondo de parte um sentimentalismo doentio, como um objecto de negócio, como uma fonte de riqueza.

Esse esforço individual tendendo para o mesmo fim, esse consenso mutuo, se se realiza aproveita immensamente para as relações sociaes.

Seria licito que em face da atenção que os outros povos prestam à novel industria, nos deixassemos ficar de braços cruzados como que a nossa linda terra fôsse ignobil sertão africano, indigno de ser visitado e admirado?

Todos, todos devemos cooperar numa obra que ha-de comportar não unicamente beneficios materiaes mas tambem o resultado dessa acção colectiva que representa para nós a posse de uma virtude civica que até aqui parecia não possuirmos.

A acção particular em prol do desenvolvimento do turismo quero referir-me especialmente.

Devo, no entanto, dizer tambem o que os poderes publicos têm praticado a este respeito nêstes ultimos tempos. Pouco tem sido, valha a verdade, e muito haveria a fazer nêste sentido ainda que com sacrificio.

E' inegavel que não pode haver excursionismo se não houver estradas nem caminhos de ferro, nem comodidades, nem aquelas condições de accio e de hygiene que fazem com que o estrangeiro que viaja, gastando dinheiro sem contar, nos tome por um país civilizado, onde seja agradável passar o tempo de uma vilegiatura, admirando as maravilhas que lhe podem oferecer a nossa natureza sem igual, o nosso clima suave,

a vida e o movimento peculiares a uma grande cidade.

Uma das medidas mais importantes sobre turismo foi por certo a criação da Repartição de Turismo, pelo então Ministro do Fomento, sr. Brito Camacho, em cumprimento de uma promessa feita no Congresso de Turismo que se realisou em Lisboa em Maio de 1911.

Brevemente, num outro artigo, me referirei mais largamente à acção dêsse organismo.

Outras medidas de largo alcance fóram tambem a ratificação da acta da Convenção Internacional de Paris, de 11 de Outubro de 1909, relativa à circulação internacional de automoveis (Decreto de 27 de Abril de 1911) e a subvenção dada a uma Empresa de Navegação Americana com o fim de fazer com que os barcos vindos directamente dos portos norte-americanos tocassem no porto de Lisboa.

Da acção particular é nos permitido dizer que a ela tudo se deve.

Tem a prioridade como meio de acção na industria do turismo e é devido à sua proficua propaganda que as outras medidas se têm realisado.

Mas ou porque o que se tem feito não tenha correspondido à expectativa fantasiosa e ingénua de uma grande maioria ou por qualquer outro motivo, não é razão para que abandonemos a nossa cruzada, antes mais fervorosos nos devemos mostrar nela para com a nossa tenacidade atingirmos esse elevado fim.

Assim o tem feito a Sociedade de Propaganda de Portugal.

Devêmo-nos acolher sob a sua bandeira e comungarmos das suas ideias.

Tem ela à sua frente homens de valôr que por si a recomendam, Magalhães Lima, Fernando Emigdio da Silva, A. de Vasconcelos Correia, o ilustre Conde de Penha Garcia, esse incansavel propagandista da nossa terra e pugnador dos nossos interesses colonias, figura distinta que nos honra perante o mundo culto, Ventura Terra, Rozendo Carvalheira, Vieira Guimarães e outros de não menos honrado nome.

Tem esta sociedade 6 anos de existencia e tantos se podem contar de lucta incansavel contra o empirismo nacional.

Pode-se dizer que a ela deve Portugal ser cocheado do vulgar excursionista que ao vêr lá fóra as fotografias dos nossos monumentos e das nossas paisagens não poderá deixar de querer admirar esse país que até ali julgava ser uma provincia de Espanha, de nenhum interesse.

Folhetos de propaganda espalhados tão profusamente quanto lho permitem os seus minguados recursos, conferencias tantas quantas a amabilidade de illustres conferentes lhe tem dispensado, eis a acção directa desta benemêrita sociedade, se não quizermos vêr o excelente efeito moral que resulta do seu fim e o admiravel exemplo de persistência de que se podem orgulhar os seus dirigentes.

Ainda ha poucos dias, recebendo uma circular desta Sociedade em que se comunicava a inscrição do 5000.º sócio, eu pude notar que dela transparecia a satisfação que por certo era a daquêles que tão devotadamente se tinham entregado a tão patriótico empenho.

Em resumo, recebendo convenientemente o estrangeiro forçar-nos-hemos tambem um pouco a reprimir a nossa impetuosidade e habituarmos-nos a uma confraternização da qual só poderão advir incalculaveis beneficios.

Todos os portugueses indigenas e os que se encontram em longínquas paragens deverão pugnar pelo desenvolvimento material da sua cara patria.

A Propaganda de Portugal merece que todos os portugueses a coadjuvem.

O seu lema é *Pro Patria Omnia*.

Sob êle cabem bem todas as côres politicas. A contribuição é exigua: mil e duzentos réis annuaes.

Poderá orgulhar-se quem os desembolsar de ter sido importante factor do desenvolvimento nacional.

Por bem recompensado me daria do meu insignificante trabalho se, de entre todas as pessoas que me lêrem, houvesse uma que por meu intermédio, se dedicasse à nobre causa que defendo.

A. DE MELLO E NEA.



Reclamam os povos que de tal pujança de vegetação não ha vislumbre presentemente; mas a reclamação não procede, porque nem a todos é dado o ver milagres.

Casamento de uma filha de Sua Ex.^a o Presidente da Republica



SR.^a D. MARIA ADELAIDE DE MELLO ARRIAGA E SEU MARIDO SR. DANIEL DA SILVA FERREIRA JUNIOR, SAHINDO DO TEMPLO DOS JERONYMOS DEPOIS DO ACTO RELIGIOSO

No dia 12 do corrente celebrou-se no palacio de Belem o casamento civil da sr.^a D. Maria Adelaide de Mello Arriaga, filha mais nova de Sua Ex.^a o Presidente Dr. Manuel de Arriaga, com o sr. Daniel da Silva Ferreira Junior procurador dos negocios syndicos de Macau, comparecendo o sr. administrador do 4.^o bairro, sendo testemunhas por parte da noiva, sua mãe e o sr. dr. Xavier da Costa e por parte do noivo, seus paes, a sr.^a D. Roza Ferreira e o sr. Daniel da Silva Ferreira. A este acto civil seguiu-se a cerimonia religiosa na igreja dos Jeronymos onde compareceram as mesmas testemunhas. Os noivos depois de um almoço em familia, no palacio de Belem, retiraram no «sud-express» para Buarcos.

A Trilogia Monumental de Alcobaca, Batalha, Tomar e o Caminho de Ferro

Nenhum outro assunto podia vir mais de molde ás paginas desta revista, que ha 35 anos pugna pelas coisas da historia, da arte e do progresso de Portugal.

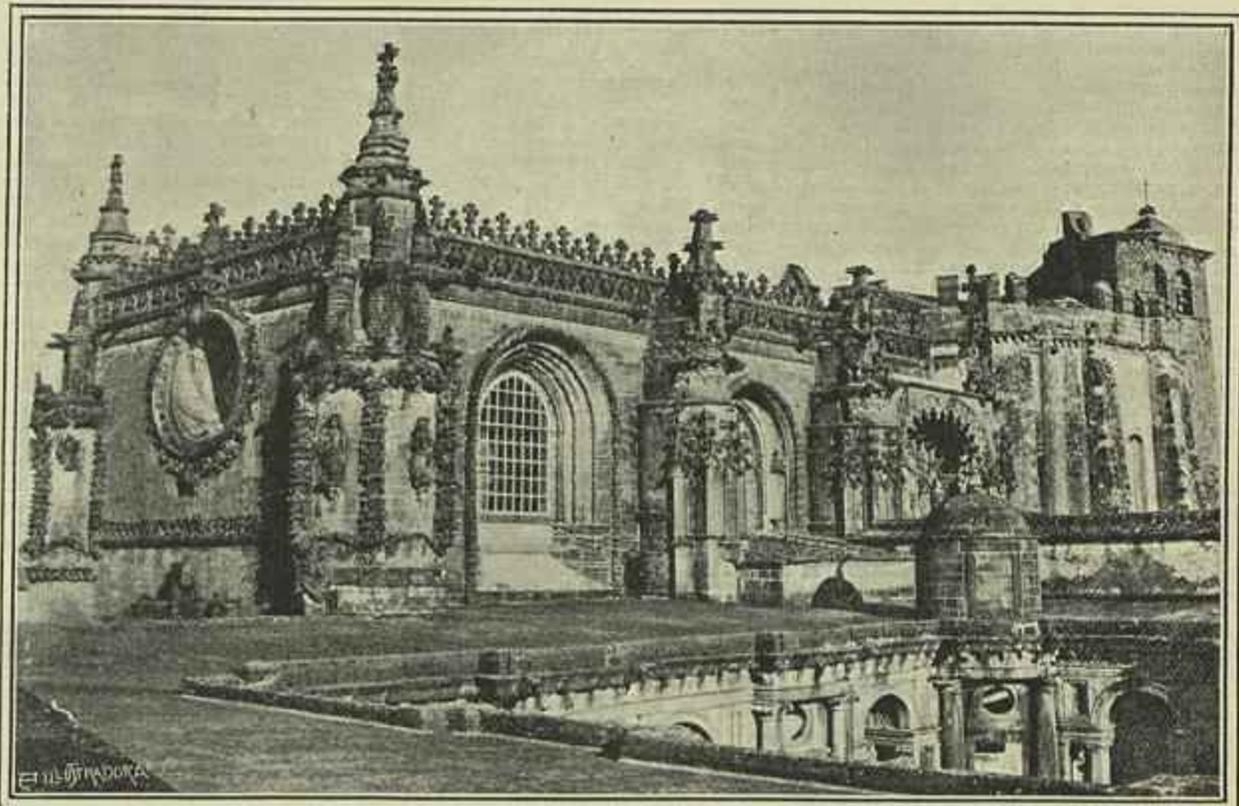
Nenhum outro assunto de actualidade mais nos prende a atenção do que a conferencia, sob o titulo acima, realisada ha pouco na Sociedade Propaganda de Portugal, por um dos seus directores o sr. dr. Vieira Guimarães, professor de Geografia, Historia e membro de varias sociedades scientificas nacionaes e estrangeiras.

A razão da nossa preferencia explica-se pela importancia do assunto, no presente momento, já que a incuria nacional vem dormindo sobre o caso ha tanta soma de anos, parecendo, emfim, acordar agora pela imperiosa necessidade de valorisar tantas riquezas quasi despresadas.

E' preciso não perder a occasião, mas aproveitar certa corrente publica em favor do turismo de que tanto depende o desenvolvimento da riqueza do país.

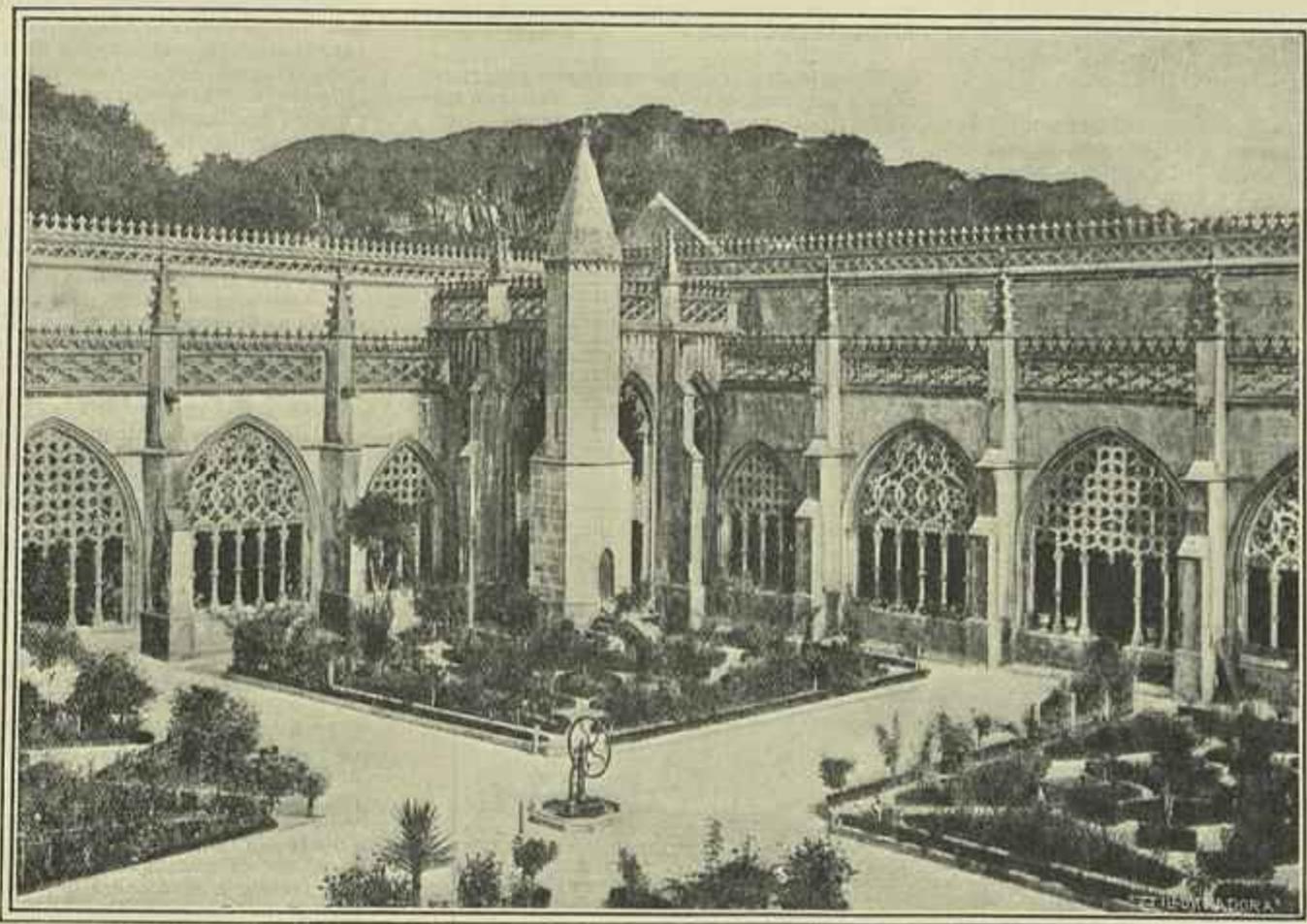
Foi nesta oportunidade que o sr. dr. Vieira Guimarães, muito eruditamente e muito patrioticamente veiu realisar a sua conferencia, relevando bem a historia e a arte daquela trilogia monumental de Alcobaca, Batalha e Tomar, esses tres grandes monumentos que perpetuam respe-

A Trilogia Monumental de Alcobaca, Batalha e Tomar



TOMAR — PARTE SUPERIOR DA IGREJA

A Trilogia Monumental de Alcobaça, Batalha e Tomar



CONVENTO DA BATALHA — CLAUSTRO

tivamente as primeiras conquistas com que se fundou esta nacionalidade; os fastos mais gloriosos de D. João I e Nuno Alvares Pereira e, por ultimo, o primoroso poema delineado por João de Castilho em que cada pedra é um documento dos descobrimentos dos navegadores portugueses, que das longinhas terras do Oriente e das madreporas do mar trouxeram os motivos de-

corativos que revestem o convento de Tomar, dos Cavaleiros de Cristo, que o fundaram por 1492.

Sobre este incomparavel monumento publicou, em tempo, o sr. dr. Vieira Guimarães, um belo livro, *A Ordem de Cristo*, estudo historico muito valioso desta nobre ordem de cavalaria, e depois *A Missão de Portugal e o Monumento de Tomar*,

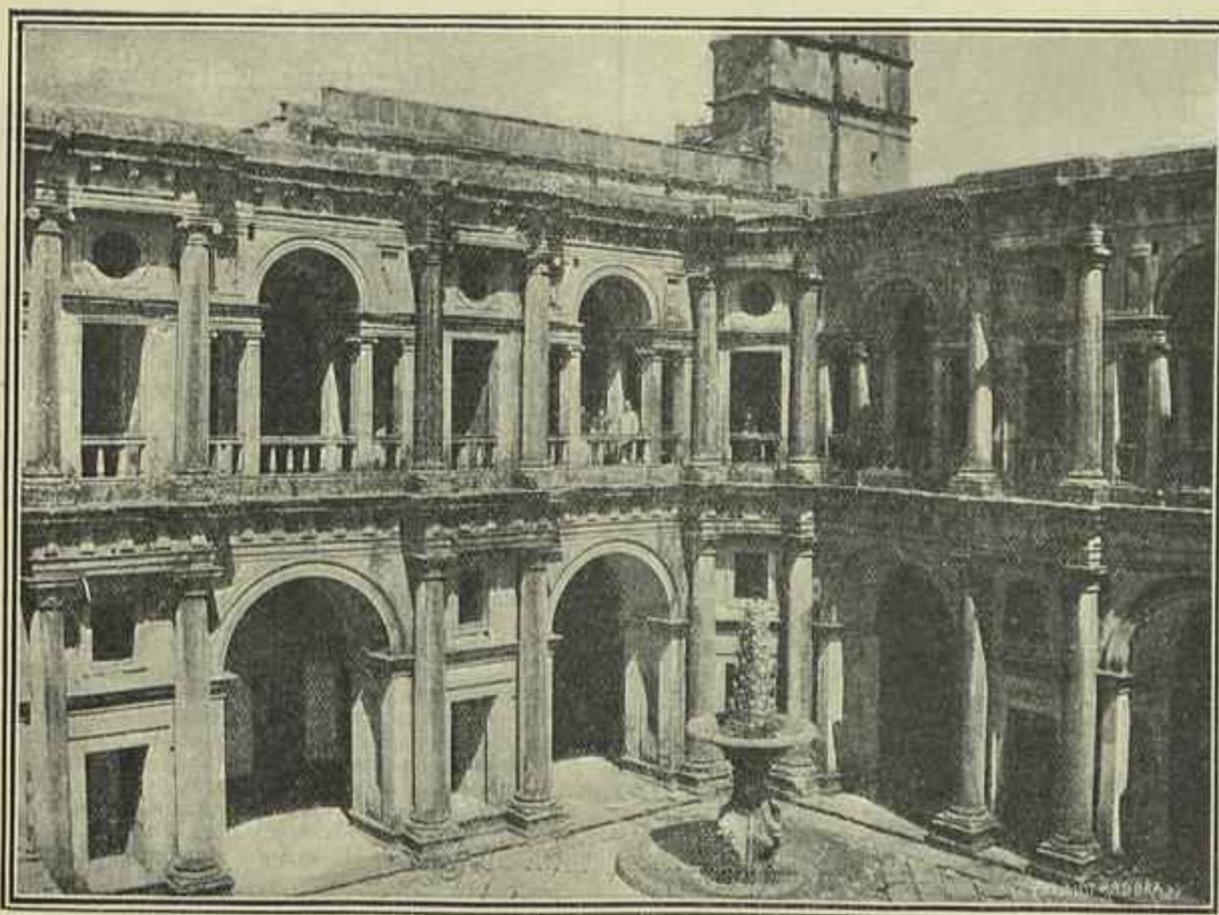
tambem de alto valor historico, artistico e literario.

Mas nem só destes monumentos, em que se condensa a alma dum povo como se concretisa a sua historia, se ocupa o sr. dr. Vieira Guimarães na conferencia realisada. Descreve ainda em vastos quadros encantadores, as belezas naturaes dos logares por onde se erguem, não menos belos e grandiosos dos que se observam por todo este país privilegiado, que o conferente faz prepassar ante os olhos de seus ouvintes, a traços de eloquentissima verdade com o brilhante colorido da pitoresca paisagem e deslumbrantes contrastes da luz.

«Vêde ao levantar do sol, num limpido dia de julho, o grandioso panorama do oeste, que na clariidade crescente se vae definindo, deixando vêr essa ciclopica plateia de montes que a nossos pés se estende e onde se adivinham rios encantadores, varzeas sombreadas, vales admiraveis, jardins floridos, cidades formosas e o mar... o glauco mar a estirar-se numa fimbria de areia rebrilhante, lá no fundo do horisonte.»

«Para leste, no declinar do astro rei, assombra-vos o atormentado do solo que, de prega em prega, parece subir, como decoração maravilhosa dum teatro de gigantes, e para o sul, em ondulantes colinas, declina dôce, demoradamente, no estreito e profundo Douro, que é um tesouro de prespeticvas e de finissimo nétar.»

«Galgae depois a aspera riba e o nobre coração do velho Portugal depara-se-vos, como que irrigado pelas possantes coronarias do Mondego, do Vouga e do Zezere, que em ravinas fundas vão descendo, aqueles a alcançarem as terras planas de sua formação, onde um, do lentamente, se espreguiça, enroscando-se á casaria branca da decantada e saudosa Coimbra, outro,



CONVENTO DE TOMAR — CLAUSTRO DE D. JOÃO III

coleando monções e lezírias duma formosíssima Holanda de 10:000 hectares, e este, o indomável Zezere, contorcendo-se em penedia selvática, até morrer altivo e nobre no abundante Tejo, em que «a braveza herminia leva de baixo a pujança castelhana.»

«Desçamos mais no paralelogramo formoso do nosso ridetíssimo Portugal e, continuando a vêr, muda se agora o cenário.»

«De convulsionado, atormentado, encarquilhado, ravinoso, passamos á larga e ampla planície aluvial, que o Tejo, qual Nilo, abençôa na fecundidade de suas aguas, e mais a sul á imensidade transtagana, onde o azinheiro, o sobreiro e a oliveira põem manchas típicas de paisagem inculta

Amôres, numa lendaria e linda Nazaré, numa Salvaterra fecunda, na mesopotamia formosa entre o aureo Tejo e o pomífero Sado, num jardim maravilhoso dum sempre florido Algarve, numa Cintra poetica e num Bussaco gigante de flora e de panoramas.»

Não tem rival, é facto, no entanto esta encantadora natureza, nem sempre devidamente apreciada pelos naturaes, que em grande parte a desconhecem, menos é pelos estrangeiros que percorrem o mundo, nessas caravanas de *turistas* ricos e sedentos de espectáculos maravilhosos para seus olhos insaciáveis, que tanto buscam as maravilhas da arte como as da natureza.

turista encontra a linda cidade coroada com o seu castelo dos Templários dominando o famoso convento de Cristo e o prolongamento das arcarias do aqueduto Filipino, um agregado de monumentos que se distinguem por seus estilos arquitetonicos e épocas historicas. A mesma linha, curvando em Agroal, estancia de banhos de magnificas aguas, segue, quasi em réta á Batalha, servindo a vila de Orem e a freguezia de Reguengo. Na Batalha bifurca se a linha num pequeno ramal para Leiria, e no que segue para Alcobaça, servindo Aljubarrota e terminando na Nazaré.

Esta linha fecha, como muito bem diz o sr. dr. Vieira Guimarães, «uma importante malha na nossa réde ferro-viaria, trazendo a nova linha um enorme trafego ás linhas principaes e levando a todas as terras servidas um grande incremento de progresso e de civilização.»

Sobre as vantagens desta linha, o sr. dr. Vieira Guimarães apresenta os seguintes calculos, que não serão exagerados:

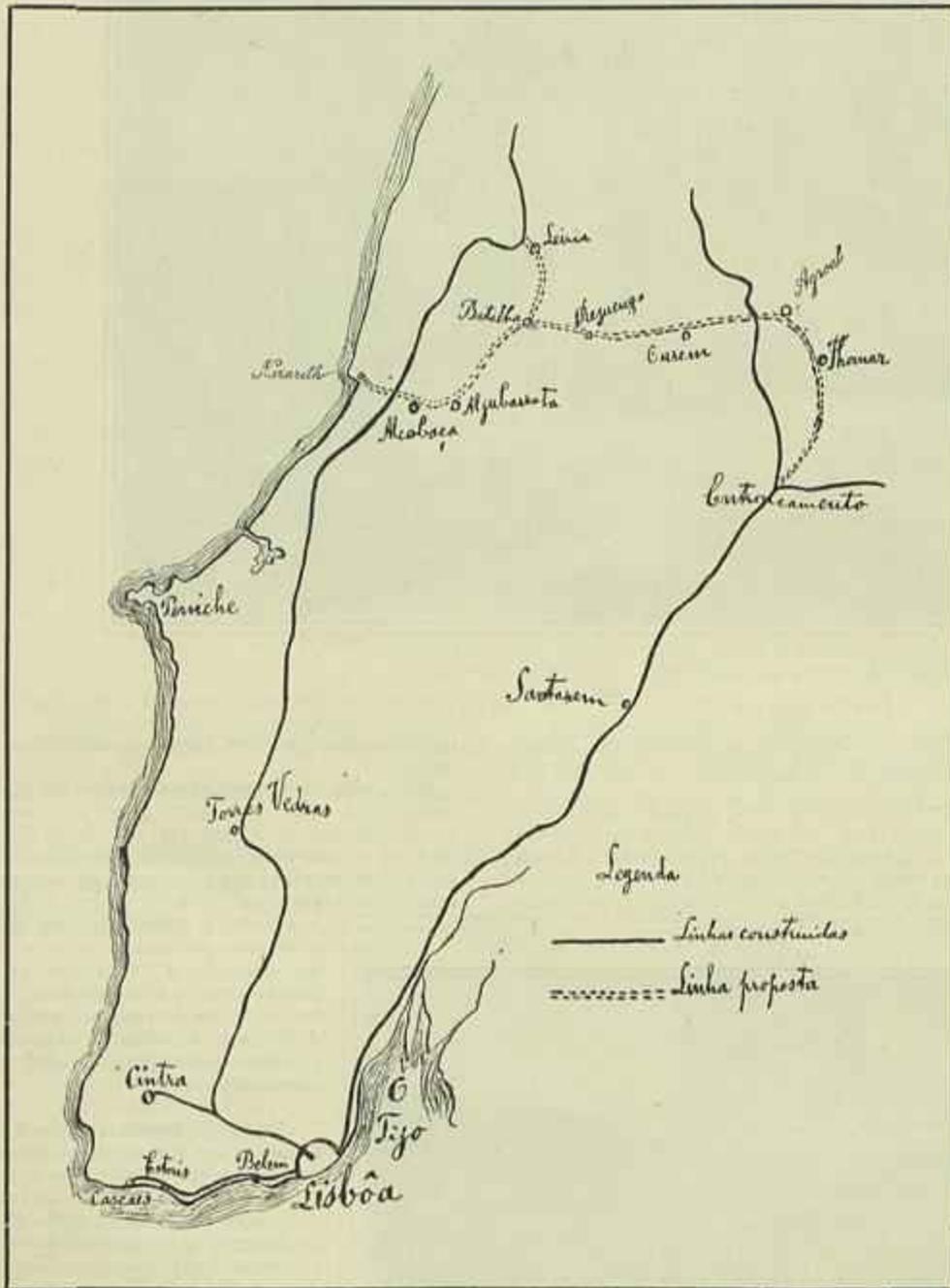
«Calculando sómente aqui o lucro do movimento turistico que, por entrada, computo em 20:000 excursionistas por ano, e gastando cada um num dia 58000 réis, nós teriamos a bonita soma de cem contos a distribuir por Alcobaça, Batalha e Tomar, o que equivaleria a fundar, em cada povoação destas, um estabelecimento fabril com a população de 1:000 operarios e cujas ferias importariam em trinta e tantos contos.»

«E se contarmos agora com os trasportes desses 20:000 turistas, nós teremos mais duzentos contos a virem melhorar a economia nacional.»

E' inquestionavel que os caminhos de ferro, como todas as vias de facil comunicação, é que desenvolvem as fontes de riqueza de um país, e por isso para que o nosso se possa desenvolver, valorizando o que anda meio abandonado quando não de todo esquecido ou despresado, todos os meios de comunicação, são poucos quer eles vão favorecer a agricultura que precisa expansão, quer se distinem a desenvolver a industria do *turismo*, que ha mais de cincoenta anos preocupa as nações mais avançadas, mas que só agora se procura introduzir em Portugal, sempre atrasado, onde a politica atrofia tudo, não deixando curar da economia nacional que se debate num mar de dificuldades.

Por isso não duvidamos juntar aqui a nossa voz ao brado patriótico do sr. dr. Vieira Guimarães pugnando pelo caminho de ferro de Tomar á Nazaré, como por todos os meios de comunicação facil que a economia nacional reclama para o desenvolvimento da riqueza publica.

C. A.



LINHA DE TURISMO — ENTRONCAMENTO, TOMAR, BATALHA (RAMAL DE LEIRIA), ALCOBAÇA E NAZARÉ

e as messes de trigo alouram a campina sob um céu de profundo sol.»

«Mas ainda não finalisa o deslumbrante quadro e uma prega gigante se levanta para descer em anfiteatro atraente, doce, maravilhoso e variado na luminosidade dum céu africano, até ao oceano, que se estende na imensidade do infinito.»

«Dizei-me agora, vós que me escutaes, se não é verdade: que de reconditas belezas, que ciclopicas paisagens, que doces prados, que cristalinas fontes, que lindos rios, que acariciadoras praias, que afamadas termas, que paradisiacas estancias se vos não patenteiam neste nosso formoso Portugal, neste

Jardim á beira-mar plantado?»

«Esta é a natureza que não tem rival, num verdejante Minho, numa Suissa transmontana, num virente vale de Besteiros, numa fonte dos

E quanto eles têm que vêr neste extremo do Occidente, desde que se lhes facultem os meios de o visitarem com as comodidades que a industria do *turismo* lhe oferece noutros países, que a sua bolsa abastada não regateia pagar.

Eis porque o OCCIDENTE vem, neste momento, reforçar a sua propaganda de anos quando tem pugnado pelas belezas deste país, pelos seus monumentos e progressos, para que o *turismo* seja uma realidade em Portugal, de cuja acção tanto tem a esperar para sua riqueza.

Outro ponto da conferencia do sr. dr. Vieira Guimarães, e este principalmente o mais importante pelo fim pratico que propõe, é o da construção de um caminho de ferro que, ligando a triologia monumental, de que se trata, facilite ao viajante a visita aos tres monumentos de Tomar, Batalha e Alcobaça.

O caminho de ferro, iniciando-se no Entrecamto, paragem de todos os comboios, seguirá a Tomar pelo formoso vale do Nabão, onde o

Litteratura Estrangeira

IV

A'cêrca do romance de Abel Hermant — «Amor tragico».

Continuando a nossa secção, somos agora a dizer algo a respeito desse romance de Abel Hermant — *Amor tragico* — de que recebemos um exemplar devido á amabilidade do nosso querido amigo Paulo Martins, digno socio de Guimarães & C., da rua do Mundo.

Este romance — cuja leitura fizemos — constitue o 80.º volume da magnifica *Collecção Horas de Leitura*.

Agradou-nos devêras esse romance que é atrahente; não nos é licito, porém, dizer aqui qual o entrecho do romance — *Amor tragico* — pois seria prejuizo duplo, porque o leitor, conhecendo-o, não o lia e por conseguinte a casa editora era lezada visto que não o vendia, e a culpa cabia toda — e com razão — ao noticiarista.

Para crear appetite a comprá-lo, dir-se-ha apenas e com sinceridade, que é um livro primorosamente escripto e que dá honra ao seu auctor que já tem — embora não traduzidos, alguns romances de certo cunho artistico, estylisticamente falando.

N'este romance, Abel Hermant dá-nos a nota clara do que é a vida em certas camadas sociaes.

A figura de Madoré está bem delineada... mas não sejamos indiscretos, não desvendemos o mysterio, não levantemos mais a pontinha do véu do que já fez o seu titulo que é, por si só, uma revelação — *Amor tragico*.

A traducção — confiada ao sr. Garibaldi Falcão — é muito cuidada, demais attendendo a que traduzir — embora se julgue o contrario — é ás vezes tarefa mais difficil do que produzir trabalho original. E, quem isto affirma, fá-lo com conhecimento de causa.

Mas deixemo-nos de rhetoricas e fiquemo nos por aqui, agradecendo a offerta do exemplar e aconselhando a todos os nossos amaveis leitores e gentis leitoras o *Amor tragico*, que é um bom romance.

XXV VII-CHII.

Ruy d'Abaim.

Um verão suave

Foi excepcional o verão meteorológico de 1912, e sem precedentes, desde 1885, embora o ano de 1879 se lhe approxime, notando-se porém, que a media estival foi, n'este ultimo ano, um pouco mais elevada. Atribuimos essa anormalidade, á influencia sofrida pelas aguas do gulf stream (corrente do golfo) resultante da descida tardia dos *ice-bergs* (massas glaciaes) do norte da Europa, que tem sido notada este ano, em maior quantidade do que o normal, devido aos calores excessivos do ano precedente e que foram de um rigor poucas vezes manifestado, ainda com a agravante dos calores intensos observados na primeira decada do mez de Maio, do ano presente.

Como se sahe, a corrente do golfo inicia-se no golfo do Mexico, atravessando na direcção SW-NE, o Atlantico boreal, contornando as Antilhas passando a S. da Terra Nova, subdividindo-se a 30°. Longitude W, em 2 ramos, um dos quaes vae passar pela parte meridional da nossa costa, vindo das Canarias (corrente das Canarias) seguindo o outro ramo, a direcção das costas orientaes da Inglaterra, até á Noruega.

E' vulgar, a partir do mez de Maio, no nosso clima, o termometro subir a 30°, á sombra, excedendo 35°, em alguns dias, nos mezes de Junho a Agosto. Durante o verão meteorológico de 1912 que abrange os mezes de junho, julho e agosto, a maxima temperatura registada foi de 28°3 em 11 de Agosto, o que representa uma anormalidade traduzida em cerca de 7% de temperatura, a menos, em relação aos anos precedentes.

Nos anos mais quentes, são registados 25 a 30 dias de maximas superiores a 20°, descendo esse numero até 8 ou 10, nos estios mais suaves.

Os anos em que se notou um numero de dias de maximas superiores a 30°, menor do que oito, foram apenas os seguintes, desde 1855 a 1912:

Dias de Maximas Superiores a 30°

	Junho	Julho	Agosto	
1867	1	2	3	—
1879	—	1	—	—
1880	1	—	1	3 dias em Setembro
1912	—	—	—	4 dias em Maio (7) dias em Setembro (1)

Sabendo-se que a temperatura minima raras vezes desce a 13°5 em julho e agosto, minima observada no presente ano, indicaremos na seguinte tabella, os annos em que teve logar essa anormalidade:

	Julho	Agosto		Julho	Agosto
1858	13°5	—	1890	13°4	—
1860	10°9	13°2	1891	13°2	—
1862	12°5	—	1892	12°9	—
1874	12°7	—	1907	12°5	—
1880	12°8	—	1912	13°5	13°5
1883	—	12°7			

Em 57 annos de observação, o fenomeno teve, pois, logar, nove vezes em julho e apenas duas em agosto.

E', no entanto, preciso notar em muitos dos anos citados, a maxima foi superior em muitos graus, á de 1912.

Apenas o mez de julho de 1880, pode ser comparavel ao do estio findo.

1880 — Julho — Temp. extremas 28°1 — 12°8
1912 — " — " — " — 26°8 — 13°5

O mez de agosto que mais se aproxima do que terminou, foi o de 1879.

1879 — Agosto — Temp. extremas 28°8 — 14°5
1912 — " — " — " — 26°3 — 13°5

Atendendo a que o ano de 1911 foi de calores excessivos, se compararmos, dia a dia, as temperaturas registadas, nos dois anos, de 1911 e 1912, notar-se-ha, um numero consideravel de graus de calor a menos, no presente ano.

Na tabella seguinte, excluímos os dias decorridos de 1 a 28 de junho, pelo facto das temperaturas, em ambos os anos terem sido, em geral, inferiores á normal.

	Maximas temperaturas				Minimas temperaturas			
	1911		1912		1911		1912	
	Grãos	Grãos	Grãos	Grãos	Grãos	Grãos	Grãos	
Junho	28	23,1	—	—	10,7	15,0	—	—
	29	28,7	21,7	—	7,0	10,0	—	—
Julho	1	22,8	21,2	—	1,6	17,5	—	—
	2	21,2	25,0	3,8	—	16,0	13,9	—
Agosto	3	20,7	25,8	—	—	15,7	15,0	—
	4	24,8	20,8	—	4,0	15,5	13,7	—
	5	30,0	20,0	—	9,1	17,4	14,2	—
	6	30,2	18,3	—	11,9	20,1	12,8	—
	7	27,0	22,0	—	5,0	19,0	13,5	—
	8	30,3	20,2	—	4,1	20,1	14,4	—
	9	32,4	20,8	—	5,6	22,1	15,6	—
	10	28,9	20,9	—	2,9	21,3	15,3	—
	11	31,9	25,2	—	6,7	21,3	16,9	—
	12	31,2	25,8	—	5,4	21,1	16,4	—
	13	30,5	25,7	—	10,8	23,0	16,9	—
	14	26,5	20,7	—	5,8	18,7	14,7	—
	15	32,2	20,3	—	11,9	19,8	14,1	—
	16	24,2	22,5	—	1,7	10,1	14,0	—
	17	24,4	21,7	—	2,7	19,4	14,8	—
	18	22,9	22,7	—	0,2	10,1	15,3	—
	19	25,3	22,8	—	2,7	18,6	15,8	—
	20	20,6	19,4	—	7,2	18,6	17,0	—
	21	30,9	21,9	—	9,0	17,3	15,6	—
	22	31,0	21,2	—	0,8	20,0	15,3	—
	23	31,3	20,9	—	10,4	20,6	14,4	—
	24	29,3	20,7	—	8,6	19,4	15,5	—
	25	27,8	21,5	—	6,5	18,8	16,0	—
	26	25,1	20,6	—	4,5	18,1	15,6	—
	27	24,1	21,1	—	2,0	18,1	16,5	—
	28	20,1	20,0	—	6,1	17,4	15,0	—
	29	22,4	20,6	—	1,8	17,0	14,5	—
	30	24,0	19,9	—	4,1	18,3	15,4	—
	31	23,6	21,0	—	2,6	17,5	16,4	—
		23,5	25,6	2,1	—	18,5	16,6	—
	1	26,8	22,2	—	4,6	19,1	17,1	—
2	26,8	21,9	—	4,9	18,2	14,9	—	
3	30,1	20,7	—	9,4	17,7	15,6	—	
4	24,7	21,8	—	12,9	20,9	15,5	—	
5	20,3	20,7	—	8,2	19,2	14,3	—	
6	20,0	22,4	—	3,6	17,7	17,5	—	
7	28,3	23,1	—	5,2	17,9	16,6	—	
8	20,1	24,5	—	4,6	17,1	15,0	—	
9	27,9	25,6	—	2,3	17,4	16,9	—	
10	26,7	22,7	—	4,0	18,6	15,6	—	
11	25,3	28,5	3,0	—	18,8	16,2	—	
12	24,7	26,8	2,1	—	18,0	16,1	—	
13	25,3	21,0	—	4,3	17,7	14,5	—	
14	24,1	22,8	—	1,3	17,2	13,5	—	
15	24,7	23,6	—	1,1	17,0	14,1	—	
16	20,0	23,0	—	3,1	18,2	14,2	—	
17	27,3	23,8	—	3,5	18,1	14,8	—	
18	27,7	22,0	—	5,7	18,4	16,9	—	
19	24,0	21,8	—	2,2	18,4	16,0	—	
20	24,6	22,4	—	2,2	19,1	15,3	—	
21	21,7	25,8	4,0	—	17,2	13,8	—	
22	22,3	27,5	5,2	—	15,6	15,7	0,1	
23	24,3	26,8	2,5	—	18,0	15,6	—	
24	25,0	24,5	—	0,7	16,9	15,1	—	
25	24,3	21,8	—	2,5	18,4	16,1	—	
26	28,3	24,0	—	4,3	17,5	17,2	—	
27	28,6	25,8	—	2,8	19,2	16,4	—	
28	30,7	26,1	—	4,6	18,8	16,4	—	
29	31,0	22,5	—	8,5	19,0	18,3	—	
30	30,0	25,9	—	8,0	16,5	16,3	—	
31	31,8	26,1	—	5,7	19,7	15,1	—	

Somando as diferenças entre os dois anos, citadas na tabella, concluímos, desde já, a consideravel perda de calor, do estio findo, em relação ao de 1911.

Na casa das maximas, durante 65 dias, apenas 8 vezes, a temperatura em 1912, excedeu a de igual dia do ano transacto, e portanto, houve 57 temperaturas inferiores, a qual dando uma media de perda de cinco graus por dia, representa uma somma de 285 graus, a menos em 1912.

Nas minimas, e nos mesmos 65 dias, apenas em 22 de agosto de 1912, a temperatura excedeu a de igual dia, de 1911, em quantidade inapreciavel. Suppondo uma media de perda de dois graus e meio por dia, representa em 65 dias, uma perda total de 162°, o que é importante.

Sendo o mez de agosto, aquelle que entre nós acusa uma media mais elevada (21°7) e sabendo que a media d'este mez, em 1912, pouco excedeu 19°, (equivalente á media normal do fim de setembro) havendo mesmo, em 14 de agosto, uma media diaria de 17°4 (media normal de 12 de outubro), é de prevér para o restabelecimento do equilibrio transtornado pelas baixas temperaturas, que uma importante elevação de temperatura tenha lugar na primeira dezena de setembro, a qual não se prolongará, visto que a terra não

aqueceu demasiadamente, para descer, depois, rapidamente.

Tendo sido o mez de setembro de 1911, de calores abundantes, e apesar de uma alta termometrica prevista pelos principaes meteorologistas é natural que se note ainda diferenças entre as temperaturas registadas em ambos os anos, assunto que fará parte de um novo artigo que servirá de complemento a este.

Ficaria, no entanto este estudo incompleto, se não citássemos ainda um facto curioso.

De 1855 a 1912, poucos tem sido os anos em que as maximas em julho e agosto não excedem 30°.

JULHO		AGOSTO	
1868	Maxima 27°6	1878	Maxima 29°0
1873	" 20°0	1879	" 26°8
1880	" 28°1	1912	" 28°3
1885	" 29°9		
1888	" 26°4		
1904	" 29°7		
1912	" 26°8		

Se o facto é anormal em julho, muito mais o é em agosto, onde, se excluímos este ano, apenas, se observou essa irregularidade em dois anos, que, por maior casualidade foram successivos.

ANTONIO O. OLIVEIRA MACHADO.

Fráude inaudita!

(Continuado do numero 1207)

O baronêto, para ali, mais que atalhado, e, como se disséssemos, arrelhado deveras, por se ver ferido com as suas próprias armas.

Por mais magnânimo que fôsse o seu sentir, de modo vago e geral, para com um individuo que era indubitavel e admitidamente um refinadissimo patife, êste não o ficaria sendo menos se o filassem; e consternava-o, quanto possível, a certeza de que, ou havia de engolir a palavra dada, ou tomar debaixo da asa um criminoso insigne, « exigido pela policia ».

Não obstante, a luta interior fôï de pouca duração. Sir Tómas era, acima de tudo, teimoso; e dêsde que havia declarado que protegeria o sujeito, vendo-o reduzido ás últimas, manteria a sua palavra.

— Que quer que eu faça? perguntou, em tom frio, constrangido.

— Que me admita a bordo do seu iate, conforme declarou que o faria, e que me ponha em terra, para ali, em qualquer porto de mar, de onde eu me possa escapulir.

O baronêto, tornou a esitar, por instantes. Aquilo que lhe exigiam equivalia a uma infração manifesta da lei, um atentado flagrante, visando a impêcer a accção da justiça. E não obstante, não arriou bandeira. Finçou os dentes, e com sobrecênho, nada convidativo, declarou, gélido:

— Está dito. Vêha comigo, e recolhê-lo-ei, conforme prometi.

— Como poderei agradecer-lhe? murmurou o outro, seguindo os passos ao reluctante protector.

Encontrou afinal a canôa, e sir Tómas convidou, frígido, o companheiro a embarcar.

Versão do inglês por M. MACEDO.

PELO MUNDO FÓRA

Notas d'um curioso

WILLIAM BOOTH, O FUNDADOR DO EXERCITO DA SALVAÇÃO

O general Booth, fundador do *Salvation Army*, falleceu em Londres em 20 de agosto, aos 83 annos de idade, pois nascera em Nottingham em 1829. A morte d'este prestantissimo cidadão inglês mereceu largas referencias em toda a imprensa europeia e americana, que largamente conhecia a vastissima obra de progresso social emprehendida e realisada por William Booth, que possuia o fervor de Pedro Ermita, o zelo de Wesby, o genio organizador de Kitchener e o senso pratico de Whiteby; foi o maior agitador

(1) N'um artigo que publicaremos, relativo ao mez de setembro, preencheremos essa lacuna.

religioso do século dezanove e soube como ninguém dirigir as multidões, que instruiu e educou, realizando uma obra social sem similar em todo o mundo moderno.

Dotado d'um espirito sonhador, penetrado de mysticismo religioso, Booth, aos 15 annos, sentiu-se attrahido pelo christianismo puro do primeiro século, cujos principios emprehendeu combinar com os modernos methodos de evangelização do mundo.

Primeiramente foi pastor da igreja methodista, de que pouco depois se separou para espalhar suas idéias nas ruas de Londres, persuadido de que *as ruas são a tribuna mais importante para a predicação*, iniciando ahí e nas casas de espectáculo uma propaganda sem treguas a favor da *salvação do homem e da mulher*.

Em 1865 abandonou as doutrinas calvinista para se dedicar á conversão e ao arrependimento das almas mais hostis a qualquer idéia religiosa. Nesta cruzada, Booth sente-se fortalecido com a ajuda de sua mulher Catharina Mumford, evangelisadora methodista de rara eloquencia, que exerceu nelle uma acção profunda e decisiva.

William Booth e Catharina unidos pelo amor e animados ambos do mesmo objectivo santificador, conceberam o vasto projecto de exaltar os desherdados da sorte, de salvar os *naufraços* que se debatiam na agonia.

Assim nasceu o *Exercito da Salvação*, que em fins de 1878 contava já 87 corpos, 127 officiaes e 1.987 oradores populares.

Não cabe aqui o historiar os episodios que se deram nos inicios d'esta obra de tão extraordinario alcance. Os seus organizadores e propugnadores soffreram as mais cruéis decepções, os mais grosseiros insultos, e, não raro, a prisão, motivada por conflictos nos comicios.

Só uma fé inquebrantavel, igual á de Pedro Ermita, podia animar aquellas creaturas, que conheciam os horrores da miseria de Londres; que viram sangrar o coração humano na prostituição, no crime, no alcoolismo; que se affligiram ao contemplar as úlceras do pobre estendido á porta do palacio do mau rico; que se apiedaram pelos *afogados* no lodo humano, pelos que apodreciam na fossa do vicio, da doença e da vergonha; que choraram pela condição miseravel d'essas victimas, e, cheios de commiseração, se inclinaram para ellas, acalmando-lhes as dôres e os soffrimentos. Prégaram ás massas de atheus e de revoltados de todas as religiões o amor universal e a bondade consoladora, o perdão de todos os peccados e a reabilitação pela vontade. Fizeram odiar o alcool aos que d'elle estavam saturados; o vicio, aos que nelle tinham apodrecido; o crime, aos que estavam salpicados de sangue. Nada os descoroçoava; aproximavam-



O GENERAL BOOTH, FUNDADOR DO EXERCITO DE SALVAÇÃO

se de todas as desgraças e tiveram sempre palavras de piedade para attrahir á sua obra social todas as boas vontades, conseguindo que os proprios protegidos viessem juntar seus esforços para o engrandecimento do *Exercito da Salvação*.

Na sua obra: *Darkest England and the Way Out* (a mais escura Inglaterra e o caminho para sahir d'ella), publicada em 1890, Booth expoz um vasto plano de reforma social pelo trabalho, fazendo um appello ás altas classes em favor da sua obra humanitaria.

Em 1904 o rei mandou-o chamar á sua presença para lhe exprimir o interesse que lhe merecera o *Exercito da Salvação*, de que Booth era o general, desde 1878.

Booth estabeleceu o seu quartel general em Londres, e fundou uma *escola militar* para formar adeptos para a predicação.

O *Exercito da Salvação* conta importantes grupos em França, na Belgica, na Suecia, na

Suissa, nos Estados Unidos, na India, na Nova Zelandia, no Cabo, no Canada, abrangendo cincoenta e dois paizes, colonias e dependencias; os seus officiaes prégam o evangelho em trinta linguas diferentes; publica sessenta e quatro jornaes em vinte e quatro linguas, com uma tiragem de 1.200.000 exemplares.

Booth dirigia todo o movimento d'este famoso exercito que tem mais de 21.303 officiaes, cadetes e empregados. Todos os soldados juraram abstinencia total, e o uso do tabaco tira o direito á promoção.

Crearam-se hospedarias, restaurantes, casas de trabalho, agencias d'emprego, casas para alcoolicos, orphanatos, crèches, maternidades, colonias industriaes e agricolas, hospitaes, bancos ruraes, escolas, etc.

O *Exercito da Salvação* conta actualmente 8.972 corpos, circulos e sociedades, 80.000 soldados, fornece trabalho a 16.000 homens e 3.000 mulheres recrutadas entre os mais miseraveis e dá em cada anno mais de 3.000.000 de refeições aos mais necessitados.

Em cada noite recolhe 21.000 desgraçados que as suas tropas, convertidas á doutrina da caridade, vão buscar aos parques humidos, aos bancos dos jardins ou debaixo das pontes. A par d'isto, a protecção nas prisões, nos hospitaes e em toda a parte, onde ha dôr a aplacar, miseria a socorrer. Todos os sabbados, á noite, são visitadas as tabernas por officiaes e soldados escolhidos especialmente para prégarem a abstinencia e distribuir litteratura evangelica.

A obra de William Booth poderá provocar ainda hoje reparos por parte d'alguns pensadores livres (não confundir com livres pensadores), mas a verdade é que ella representa o esforço ingente, colossal d'um homem que ha-de figurar

na historia como o maior general do nosso tempo, general que combateu heroicamente pela vida dos desgraçados, dos parias, dos reprobos dos miseraveis.

A sua missão sublime, teve por armas a Biblia, o trabalho e a moral natural, santa trilogia da redempção humana!

Catharina Mumford, a marechala, falleceu em 1890.

William Booth soffrera, ha tempo, uma operação nos olhos, ficando cego, desgraça esta que o affligia profundamente, apressando-lhe a morte.

O seu posto foi occupado por seu filho W. Bramwell Booth, que auxiliava desde 1874 a obra de seu pae, juntamente com os irmãos e irmãs e sua esposa, a sr.^a Bramwell Booth, com quem casou em 1882 e que desde 1884 tem sido *commissaria e leader da obra social dos exercitos da salvação no reino unido*.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.

Almanaque Illustrado do «Occidente»

PARA 1913

A sahir brevemente

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE—CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Onde todos devem comprar SAPATARIA PORTUGAL

DE A. Almeida e Costa

Rua dos Poiaes de S. Bento, 27 a 27-A — LISBOA

PARA LEVANTAR OU CONSERVAR AS FORÇAS

Vinho Nutritivo de Carne de Pedro Franco & C., Lisboa. Unico legalmente auctorizado pelos governos e auctoridades sanitarias de Portugal e Brazil e premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições. Centenaes dos principaes medicos garantem a sua efficacia na *debilidade, na pobreza do sangue (anemia), na convalescença de todas as doenças e sempre que é preciso levantar as forças*. E' muito usado ao *lunch* e ao *toast* pelas pessoas de constituição fraca e pelas robustas, que tem excesso de trabalho intellectual ou physico. Um calix d'este vinho representa um bom bife. A' venda nas pharmacias.

Capas para a encadernação dos volumes do «OCCIDENTE»

Em percalina com letras a ouro, encadernação de luxo

Ha capas para todos os annos, eguaes na cor para collecções.

Capa 800 réis
Capa e encadernação 1\$200